



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

Teste Diagnóstico de Português – 11º Ano

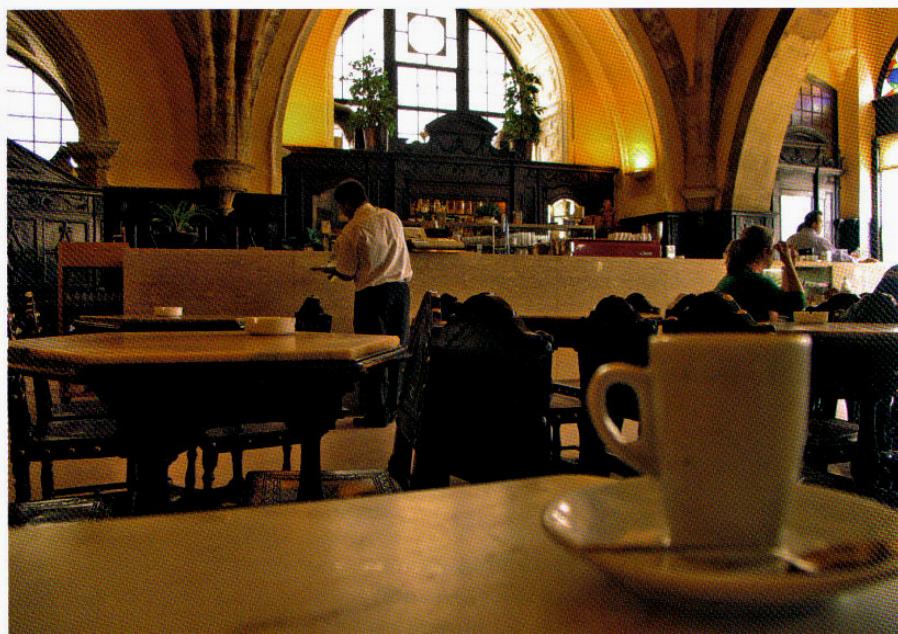
Cafés

O Café foi e continua a ser – continuaria a ser se os Cafés não estivessem a desaparecer da geografia de Lisboa – um local de conversa ou de sossego, de tranquilidade total, por isso mesmo de criação. Não sei se Bocage escreveu algumas poesias sobre as mesas do seu Café, mas é natural que o tenha feito. Ele e tantos, tantos outros poetas, já que de poetas se trata.

5 «As mesas do Café endoideceram feitas de ar.», dizia Sá-Carneiro. E na «Apoteose»: «Sereno / / em minha face assenta-se um estrangeiro / Que desdobra o *Matin*». No Café passa gente que nunca mais vemos, e que desdobra o *Matin* ou qualquer outro jornal. Ou reúnem-se pessoas conhecidas-desconhecidas que conversam. Bocage, que morreu conformista e a fazer traduções para subsistir – ainda frequentaria o Nicola nessa altura? Ficaria decerto espantado

10 se cá pudesse voltar e encontrasse um Banco (Já houve um que teria oferecido 14 000 contos de trespass...). Não tenho nada contra os Bancos mas, vendo bem, não deveria o Nicola ser preservado, com os seus quadros evocativos? Há tempos uma amiga brasileira de visita a Lisboa, depois de ir ao Jerónimos, à Torre de Belém e às Janelas Verdes, foi aos Irmãos Unidos ver o retrato de Fernando Pessoa pintado por Almada e olhar demoradamente o local

15 onde o poeta passara tanto do seu tempo. Porquê esta morte violenta dos Cafés de Lisboa? É certo que a cidade cresce, muda de face, actualiza-se – mas para que há-de ela repetir por suas mãos (é um modo de dizer) a catástrofe de 1755 que quase nada deixou atrás de si? Por que não poupar algumas casas que têm recordações, que têm história? Quando, no liceu, comecei a aprender Literatura, lembro-me de ver o nome do Nicola ou de o ouvir citar a propósito de Bocage. O poeta situava-se, pois, em Lisboa, ali, em pleno Rossio, era muito vivo assim. Agora, se o Nicola desaparece, vai-se com ele um pouco do poeta do Sado. Eis Bocage com residência fixa para todo o sempre em Setúbal, sua terra natal.



I – COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1- A temática do texto incide sobre os Cafés.
 - 1.1- Como é encarado este espaço pela autora?
 - 1.2- Que nomes da literatura portuguesa associa aos cafés de Lisboa? Porquê?
- 2- Atenta na afirmação «reúnem-se pessoas conhecidas – desconhecidas» (ls.7-8).
 - 2.1- Explicita a acepção do vocábulo «reúnem-se».
 - 2.2- Justifica a ligação, através de hífen, dos vocábulos «conhecidos» e «desconhecidos».
- 3- «Irmãos Unidos» é um café apresentado como referência turística.
 - 3.1- Fundamenta a afirmação anterior?
 - 3.2- Por que razão é valorizado este espaço.
- 4- Esclarece o motivo pelo qual Maria Judite de Carvalho evoca a «catástrofe de 1755».
- 5- Identifica a consequência do provável «desaparecimento» do café Nicola.
- 6- A interrogação retórica é uma figura de estilo muito utilizada nesta crónica. Exemplifica e esclarece o seu significado.

II- FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 1- A autora, quando andava no liceu, lembra-se do nome do café Nicola ou de o ouvir citar.
 - 1.1- Divide e classifica as orações das frases transcritas.
 - 1.2- Classifica morfologicamente cada uma das palavras sublinhadas.
- 2- Considera a seguinte frase: «Não sei se Bocage escreveu algumas poesias sobre as mesas do seu Café, mas é natural que o tenha feito» (ls 3-4).
 - 2.1- Refere a função sintáctica das palavras sublinhadas.

III - ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

A crónica seleccionada aborda a problemática do encerramento de locais históricos e culturais em prol dos interesses económicos. Num texto opinativo, com o máximo de quinze linhas, manifesta a tua opinião sobre este assunto, apontando possíveis alternativas para o enquadramento deste problema.